AntennaWeb
Revista Eletrônica do IBModa

A CARNE ADULTERADA

Juliana Philippi Berkenbrock

Orientação: Prof. Ms. Cristiane Mesquita
Prof. Ms. Sérgio Pio Bernardes

O exercício de interferências sobre o corpo é pontuado neste artigo, que mostra a relação entre moda e corpo. Seja através de piercings *e tatuagens, seja por cirurgias estética, o indivíduo vem esculpindo sua forma e aparência. Este texto reflete sobre a exploração e a modificação do corpo, levada a conseqüências extremas no culto exacerbado da imagem.*

"É muito mais difícil destruir o impalpável do que o real"
(Virgínia Wolf)

Talvez cúmplices do mesmo crime ou heróis da mesma aventura, moda e corpo dividem um estreito espaço. A reflexão proposta aqui chama a atenção para o culto à imagem, que faz com que indivíduos "troquem" de corpos como quem troca de roupa, numa busca desesperada pelo *existir* através do novo, apelando não só para o vestuário, mas para a própria carne.

"*Um dos privilégios da cultura instrumental racionalizada é a liberdade estética, a liberdade de brincar com a forma e a cor* ***no*** *corpo, de vestir estilos e looks, e através deles exibir e imaginar possibilidades irreais*" (BENSTOCK & FERRIS, 2002:227). Observemos o negrito acima: ***no*** corpo, e não ***do*** corpo.

Figura 1 – Falsa liberdade / publicidade

Fonte: *Site Piercing.art*

Enquanto nossas escolhas sobre a aparência não ultrapassam o limite da *carne*, estamos preservando a parte mais íntima de um corpo desenvolvido com o tempo e pelo tempo. Cabeça, tronco e membros brincam com adereços e tecidos que os envolvem, trançam, colorem, sem que os desconfigurem. Podemos chamar tais escolhas de "a brincadeira de esconde-esconde com o espelho". Um chapéu esconde o cabelo, cuja franja esconde o olho;

este, por sua vez, é escondido pelo colorido da lente azul. Pinturas provisórias divertem os olhares apontados para a pele e escondem sinais, sem falar de roupas, colares, calçados, esmaltes e anéis, que num "tira-coloca" enganam o espelho, que ora reflete um, ora reflete vários eus.

Diante do espelho, nus, no vapor do banho, a brincadeira acaba: podemos voltar ao original. Uma possível tinta nos cabelos ou um rímel negro poderão transformar-se em gota escura de água que escorre pelo ralo. Até aí, a única intervenção sobre o corpo, a única que rasgou a pele, talvez seja o furo nas orelhas feito na maternidade e, ainda assim, involuntariamente. Só até aí.

Quando entram em ação bisturis e agulhas, a carne é adulterada, e o tempo do corpo, atropelado. "*A exacerbação do valor das imagens... e a aceleração com a qual produtos – e existências transformadas em produtos – se tornam obsoletos fazem dos corpos e suas possibilidades de mutação um palco privilegiado*" (MESQUITA, 2000:43). As encenações não terminam no camarim, pois as cicatrizes da carne não saem com água e sabão. Esse palco torna-se, então, cenário perpétuo de dramas estéticos: silicones, botox, lipoaspirações, bronzeamentos artificiais, piercings em toda e *qualquer* cavidade, tatuagens e incrustações que desafiam a geografia epidérmica ao limite, formando um corpo triste que ri forçosamente para alimentar *aparências*.

Figura 2 – Um piercing para duas línguas

Fonte: *Site piercing.art*

"*A emergência do corpo processa-se no quadro de uma profunda crise de civilização*" (CRESPO,1995:07), onde as preocupações de consumo influenciam novos valores de beleza, juventude e até felicidade. Tais valores identificam-se com um corpo que se transforma em objeto de (des)cuidados e desassossegos.

O desenvolvimento das condutas humanas em relação à imagem e à beleza pode ser visto através do corpo, que, segundo CRESPO (1995:08), é "*considerado, ao mesmo tempo, principal meio de expressão e de liberdade e lugar eminente da mais profunda censura e servidão do homem*". As imagens que a moda traz e outras tantas que ajuda a construir não só comunicam pela vestimenta, pelo limite do tecido ou dos balangandãs. Antes fosse o corpo apenas um cabide. A carne, rasgada para competir com o tempo e desafiar o espelho, mostra a moça faceira e o homem pomposo como escravos do espelho, censores de sua natureza original. Segundo MESQUITA (2000:55):

> *"A sociedade que valoriza por demais a imagem naturalmente privilegia os discursos através da aparência. A elaboração de uma auto-imagem que pode ser produzida e gerenciada pelo próprio sujeito se expande ainda mais a partir dos anos 1980 com o crescente desenvolvimento da indústria de cosméticos, a proliferação das academias de ginástica, maiores possibilidades de controle de peso, técnicas de esculturas corporais e o estímulo da moda ao exercício de 'estilos pessoais'".*

O "exercício de estilos pessoais", o desejo de enfeitar-se e o talento humano para se transformar podem ser bonitos, mas não a escravidão desse desejo, o exagero e a inconseqüência da transformação. Tatuagens são divertidas quando não desfiguram corpos e faces. Há sensualidade e criatividade nos *piercings*, mas esses metais em forma de bolinhas, estrelinhas, brilhantinhos e coraçõezinhos não são assim tão *meiguinhos* quando inflamam orelhas, narizes, sobrancelhas, umbigos, mamas e genitais – sem falar de incrustações subcutâneas para dar novo desenho a dentes, membros e até crânios. Não podemos considerar tais interferências como desejo ou fruto de talento, pois traduzem um indivíduo angustiado para parecer diferente, como se as mudanças no corpo pudessem ter efeitos na alma.

A citação de Virgínia Wolf ironiza nossa condição. "*É muito mais difícil destruir o impalpável do que o real*". De fato, temos de admitir: é mais fácil destruir um peito pequeno acrescentando-lhe silicone do que destruir a angústia escondida na alma ao enfrentar o espelho diariamente.

Há ainda aqueles que, para defender todas essas interferências, alegam liberdade: "Faço o que bem entendo"; "O corpo é meu" e assim por diante, numa ladainha de desculpas. O simples fato da necessidade de se justificar mostra o aprisionamento do indivíduo. *Recortar* o corpo conforme as imagens e os padrões exibidos pela moda, conforme desejos angustiantes de *parecer* pode indicar várias coisas, menos liberdade. "*A liberdade supõe, ao mesmo tempo, a capacidade de conceber e fazer escolhas, e a possibilidade de operar essas escolhas dentro do meio exterior. (...) O sujeito pode, eventualmente, dispor de liberdade e exercer liberdades, mas existe toda uma parte... submissa. De resto, não sabemos realmente quando somos livres*" (MORIN, 2001:126).

Fala-se que há liberdade na moda. De fato, a moda se apresenta livre na manifestação dos corpos: aproxima extremos, quebra regras, iguala pessoas, oferece fantasia deliberadamente; permite estranhezas e encontra eco no indivíduo. Contraditoriamente, esse eco que confere liberdade faz-nos submissos quando atuamos com o corpo. Liberta a aparência em detrimento da servidão da carne. Nesse sentido, dispomos das *liberdades* da moda e do gosto estético, o que não significa que sejamos livres.

Segundo ARIÈS & DUBY(1992:311), "*o corpo se torna objeto de uma luta que tem como finalidade a aceitação da condição de dominado (aquele que submete seu corpo ao olhar de outrem) e a interação na sociedade*". Decifrada a questão? Se adulteramos nossos corpos para que se pareçam com a fotografia da revista, se "incrementamos" bundas e peitos para nos apresentarmos mais aceitáveis na sociedade, se tatuamos e *metalizamos* a pele para provocar, estamos submetendo, sim, nosso corpo ao olhar de *outrem*.

Figura 3 – Vaidade (Fotografia de Ernesto Baldan)

Fonte: *Revista Vogue*

Em reportagem publicada numa revista feminina, sob o título "Linda de morrer", a jornalista Giuliana Tatini aponta para o fato de que não somos feios nem gordos, mas que a mídia tenta nos convencer do contrário. Direcionada ao público feminino, TATINI (2001:54) escreve:

> *"O que se questiona é o processo que leva mais e mais mulheres a tomarem suas 'embalagens' como a razão única de estarem vivas sobre a Terra. Um processo (econômico, diga-se) que se inicia no pós-guerra com a celebração dos ícones da juventude em detrimento de todos os outros, que é em seguida impulsionado pelo dinheiro das indústrias de cosméticos, moda e mídia, e que acaba legitimado pelos homens, observadores implacáveis das nossas bundas e dos nossos peitos".*

Embora o texto acima tenha sido dirigido à mulher, os homens, cada vez mais, se tornam vítimas do mesmo processo. A adulteração da carne não escolhe sexo. O'SICKEY cita Foucault: "*O corpo está diretamente envolvido num campo político; as relações de poder têm dele um controle imediato; investem nele, marcam, treinam, torturam o corpo, forçam-no a executar tarefas, a realizar cerimônias, a emitir sinais*" (BENSTOCK & FERRIS, 2002:35). Através do pensamento de Foucault é possível observarmos a maneira pela qual o corpo é materialmente usado como mercadoria. Vendemos a carne para comprar o que a alma não tem. Aceitamos a humilhação, a dor e a submissão de expor nossos corpos às mãos alheias do "cirurgião" em troca do vão prazer. Ainda que soe agressivo, as imagens contemporâneas mostram um corpo entregue à prostituição do consumo. Para aparecer, entregamos nossos corpos à oferta de mercado.

"*Quid est corporis pulchritudo? Congruentia partium cum quadam coloris suavitate* (O que é beleza do corpo? É a proporção das partes acompanhada por uma certa doçura de colorido)", apregoa Santo Agostinho citado por ECO (1989:45). A idéia de congruência, proporção, aparece recorrentemente no pensamento grego, como reproduz ECO (1989:45): "*O belo surge, pouco a pouco, de muitos números... A beleza não consiste nos elementos, mas na harmoniosa proporção das partes*". Em pleno século XXI, há diversas maneiras de interpretar essa "proporção". Quaisquer que sejam, levam-nos a um lugar comum: o espelho.

Ao olharmos para nosso peito, veremos algo pequeno demais para aquilo que queremos ser. Nosso nariz, observaremos, é pontudo, saliente, *metido*. A cor dos cabelos, dos olhos e a circunferência da cintura também não parecem apropriadas... A imagem que vemos não está em "harmoniosa proporção", concluiremos. Ao compararmos o que somos com o que queremos ser, surgem o vazio e a frustração que nos levam a consumir imagens de "ideais de beleza".

Somos expostos a essas imagens diariamente, seja nas vitrines e desfiles de roupas em belos corpos, seja em programas de televisão e na publicidade de moda. Quando olhamos para esses corpos "harmoniosos", imediatamente avaliamos e desaprovamos nosso próprio corpo, estabelecendo o que Sandra Bartky chama de "complexo de beleza da moda":

> *"...o complexo de beleza da moda dá forma a um dos sujeitos introjetados para os quais eu existo como objeto, percebo a mim mesma com deficiência. Nem mesmo sou capaz de controlar de alguma maneira essas imagens que dão origem aos critérios pelos quais essas deficiências aparecem(...) Todas as projeções do complexo de beleza da moda têm em comum o seguinte: são imagens do que eu não sou"* (BENSTOCK & FERRIS, 2002:219).

No desejo de adquirirmos o que não temos para sermos o que não somos, corremos para uma clínica estética, onde nos ocupamos em transformar nosso corpo em campo de batalha, em laboratório de experiências atômicas (tamanha a intensidade), em objeto disponível, tal um defunto anônimo na aula de anatomia para estudantes de Medicina. *Dissequemo-nos*, pois.

Carol Shloss escreve sobre a fotógrafa de moda Diane Arbus, cujo trabalho ganhou fama nas décadas de 1950 e 1960:

> *"Diane observou que as pessoas quase nunca estão contentes com suas próprias peculiaridades e não descansam até haverem criado um outro visual. 'Toda a nossa aparência', observou, 'resume-se em dar sinais ao mundo para que nos considere de uma determinada maneira'. A seu ver, os esforços humanos despendidos na automodificação raras vezes funcionam, e na diferença entre o desejo e o resultado ela via a ironia essencial do universo"* (BENSTOCK & FERRIS, 2002:125).

De fato, o que desejamos nem sempre sai como esperamos. Ainda assim, tentamos, incansáveis, mostrar certo poder sobre o corpo e o tempo. Em vão. "*As pessoas podem desafiar as regras de sua própria criação através do corpo e das interferências que fazem nele, acreditando, assim, ingenuamente, que artefatos ou artifícios são suficientes para mudar o destino*" (BENSTOCK & FERRIS, 2002:129). As técnicas de embelezamento – "emperuamento", "purpurinamento", rejuvenescimento – até podem enganar a aparência, mas

um dia um olhar cansado envolto por rugas e escassos cabelos brancos irá se impor refletido no espelho, que, como cantou Toquinho, em *Aquarela*, "descolorirá" a imagem que um dia já foi jovem.

A ironia desse vaivém de modas, corpos e carnes pode estar numa pergunta: "Quando nos daremos conta de que esquecemos a receita mais simples: 'o doce colorido' de Santo Agostinho?" Se lembrássemos disso, como agiríamos com este corpo só nosso, subjetivo e íntimo?

> *"Talvez nós deixássemos nossos corpos engordar e emagrecer, apreciando as variações sobre o tema, e evitaríamos a dor porque, quando alguma coisa dói, ela começa a nos parecer feia. Quem sabe não passemos a nos enfeitar com verdadeiro prazer, com a impressão de estarmos adornando o que já é lindo? Talvez, quanto menor a dor a que submetamos o nosso corpo, tanto mais bonito ele nos pareça"* (WOLF, 1992: 388).

Talvez... Enquanto isso, parece estar valendo tudo: o corpo *treme* aos caprichos da estética, a dor é *atropelada* para estranhezas tomarem forma nos limites da carne, a fantasia parece ser o único antídoto para a realidade. A "experiência estética" ganha espaço nunca antes imaginado. No fim, terá valido a dor?

Referências Bibliográficas

ARIÉS, PHILIPPE & DUBY, GEORGES (diretores). **História da vida privada, vol. 5 -** *Da Primeira Guerra a nossos dias*, São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

BENSTOCK, SHARI & FERRISS, SUZANNE (organizadoras). **Por dentro da moda.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

CRESPO, JORGE. **A História do Corpo**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, S.A., 1995.

ECO, UMBERTO. **Arte e beleza na estética medieval**. Lisboa: Presença, 1989.

MESQUITA, CRISTIANE. **Incômoda Moda –** *uma escrita sobre roupas e corpos instáveis.* Dissertação de mestrado para a Pontifície Universidade Católica de São Paulo, 2000.

MORIN, EDGAR. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

WOLF, NAOMI. **O Mito da Beleza** – *como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.* Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

TATINI, GIULIANA. **Revista TPM**. Dezembro de 2001. Ano 01. N◦07. São Paulo: Editora TRIP.